



CAPITULO XXV

A EVOLUÇÃO DAS SOCIEDADES

COMO já tive oportunidade de mostrar, no começo deste livro, quando me referi a Spencer, o evolucionismo estende a influencia de suas leis até o mundo super-organico, presidindo-lhe o desenvolvimento economico, politico, religioso, moral, scientifico, esthetico etc. em todas as manifestações de sua actividade.

Infelizmente, como acontece sempre ao se tentar resolver qualquer problema, relativo á vida das sociedades, numerosas divergencias apparecem, tornando ainda mais atordoante a excessiva complexidade do phenomeno.

Os autores collocam-se em campos differentes, occupando todas as gradações da serie immensa dos antagonismos, conforme se approximem, se afastem ou tentem alterar, modificando, em pontos diversos, a theoria da evolução.

A dificuldade começa, nestes estudos, pelo facto de alguns escriptores negarem a existencia da Sociologia, como mostrei, no começo deste volume.

Mas, para estas objecções, citarei alguns trechos de Antenor Lyrio Coelho, o provector intellectual sergipano, de intelligencia luminosa e acendrada cultura que vae galgando a escada brilhante das letras, de victoria em victoria, occupando os primeiros logares em exames da Academia de Direito da Capital da Republica e conquistando premios a golpes de talento.

Affirma Antenor o seguinte :

«Allegam os adversarios desta these que, não tendo um methodo, não pode disciplina alguma ser sciencia.

De accordo. Mas é justamente aqui a questão. Onde se prova a ausencia de methodo em sociologia ?

E' preciso primeiro provar que ella é amethodica para se poder affirmal-a antiscientifica.

O argumento condemnatorio é portanto, falso, uma petição de principio.

O Dr. Almachio Diniz em seu «Curso de Philosophia», escreve que «o methodo sociologico é o proprio methodo philosophico: o filiativo, comprehendendo a observação, a comparação e a experimentação tanto quanto possível.»

Poderiamos accrescentar a classificação, optimo meio para facilitar o estudo dos phenomenos.

Custa a crer se desconheça o character scientifico de uma disciplina, cujo objecto é claro e positivo ; é difficil de acceitar a condemnação *in limine* da realidade pela hypothese, — porque não se justifica como verdade a organização dos antisociologistas.

Poder-se-á decretar a nullidade das leis que regem os phenomenos sociaes ?

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Certamente taes leis não são aprioristicas ; fundam-se na observação das coincidencias constantes e foram todas estabelecidas *a posteriori*.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Porque, então, não é sciencia a sociologia ?»

Como se vê Antenor poude, com a segurança de vista dos grandes pensadores apprehender perfeitamente o problema, trazendo-lhe uma decisão clara, de modo a não deixar duvidas.

Reconhecida, portanto, a existencia da Sociologia, pode-se, sem tropeços, estudar a sua evolução.

Comte, Spencer, Durkeim, Sighele e outros, com suas opiniões e leis citadas, ja em diferentes partes deste trabalho, defendem o criterio das leis de evolução, as quaes se ligam ao que é mutavel, na vida das sociedades, trazendo conhecimentos descriptivos e produzindo um determinismo absoluto, nos phenomenos sociaes o que annulla a acção individual e diminue a influencia do factor idéa.

Segundo estes autores, existe na marcha das civilizações uma certa regularidade ou periodicidade que impõe, aos elementos das sociedades, uma orientação determinada pelos factores que actuan nos seus elementos.

A antiga theoria do grande anno cyclico, os *ricorsi* de Vico, as triades de Hegel e as concepções de Saint Simont ligam-se á orientação dos autores, acima lembrados, cuja tendencia é a explicação do «pequeno pelo grande do pormenor pelo conjuncto.»

«A lei da evolução social, como affirma Almachio Diniz, não é outra que não a lei da evolução universal» que tambem já foi citada, no capitulo sobre Spencer.

As differentes formas de selecção effectivadas, nas sociedades, fazem parte tambem desses processos e não devem ser esquecidas, porquanto exercem uma influencia preponderante, no desenvolvimento dos phenomenos sociaes.

Em minha opinião, os processos de selecção, com as differentes formas com que se apresentam, nas sociedades, selecção natural, sexual, e social e as variadas manifestações desta ultima: selecção economica, intellectual, moral, representam, em seu conjuncto e criteriosa applicação, o segredo e a chave das questões sociaes que vêm torturando ha longos seculos a humanidade soffredora.

Entretanto, deixo de mostrar aqui, como seria conveniente, a influencia da selecção no progresso e na conservação das sociedades, preferindo enviar o leitor ao meu livro «O Processo de Selecção nas Sociedades» onde deixei este assumpto minuciosamente estudado.

Darei apenas, em rapidas palavras, a opinião do Dr. René Worms, um dos mais notaveis defensores do biologismo social, afim de citar, estabelecendo contraste, os sociologos que seguem escolas differentes.

Mas, antes de proseguir, deixarei a opi-

nião de alguns escriptores referente evolução á e ao progresso.

Almachio Diniz affirma que o progresso «é uma modalidade especialissima da evolução e por esta se toma muitas vezes o mesmo progresso.

Consiste na passagem do homogeneo confuso e indistincto para o heterogeneo diffuso e distincto.

Foram os biologistas allemães os primeiros a determinar o progresso, como a lei do desenvolvimento organico.

Os trabalhos de Wolff, Goethe e Von Baer demonstram á sociedade, que toda evolução organica é um progresso, porque é sempre a passagem de uma estructiva homogenea para uma outra heterogenea.»

Americo Namias e René Worms apresentam, neste assumpto, certas reservas, entretanto eu aceito a opinião acima citada do Dr. Almachio Diniz.

Apresentam-se, em primeiro logar, os problemas muito conhecidos da representação graphica da evolução supero-organica, tentativas mais ou menos defficientes, para impressionarem a imaginação, representando, com formas materiaes, a marcha labyrinthica do progresso e o desenvolvimento subjectivo e mysterioso das idéas.

Um simples golpe de vista, lançado aos acontecimentos historicos, deixa plenamente ver que o progresso não possui uma marcha retilinea, como se poderia concluir por uma observação superficial, pois se assim fosse ficariam sem explicação innumerous phenomenos que se manifestam, modificando, em sentido contrario, a evolução humana.

Impõe-se logo ao espirito a descontinuidade do progresso social que se não manifesta igualmente, em todas as instituições e na marcha evolutiva dos phenomenos.

Um progresso intellectual muito intenso pode coincidir com uma regressão moral accentuada e uma decadencia de costumes o que vem demonstrar que a evolução dos phenomenos sociaes não apresenta a mesma intensidade, no tempo ou no espaço, devido á influencia dos differentes factores e á forma com que se manifestam.

Um exemplo muito citado, pelos autores, é o da ultima phase do Imperio Romano que comportava um certo progresso moral, devido a penetração dos ideaes desenvolvidos, pela philosophia grega e ao começo da propaganda christã, emquanto se accentuava, rapidamente, a decadencia militar, economica, politica e intellectual.

Mas, é necessario attentar bem, neste exemplo que parece não satisfazer plenamente o fim collimado, porquanto a moral romana atravessava, naquella epoca, uma phase de desaggregação, sendo que a philosophia grega, apesar de superior, não possuia a força de cohesão necessaria á tragedia do momento e as doutrinas christãs eram um elemento antagonico que traziam em si o germem de uma nova civilização e cuja victoria dependia da destruição do ideal antigo.

Entretanto, o que fica demonstrado são os recuos alternados que apparecem na marcha do progresso, deixando a illusão dos periodos cyclicos.

Nestes recuos, existe uma volta apparente ao passado, mas as sociedades estão longe de

repetirem os factos identicamente, porque, quando elles se reproduzem, apresentam sempre um aspecto novo que os distinguem das manifestações de outrora,

A representação da evolução humana, por meio de um circulo, não mostra em absoluto a realidade e só um estudo detalhado dos factos, nas suas manifestações as mais minuciosas, pode clarear este assumpto.

Para Saint Simont, dois periodos distinctos, que se alternam sempre, marcam as phases necessarias da evolução humana.

Um periodo organico ou constructivo é sempre seguido por um outro de critica que se distingue pela desaggregação dos elementos que formam as sociedades e o enfraquecimento dos laços de solidariedade que mantêm o grupo.

As primeiras phases da civilização grega representaram um periodo organico, a ultima parte de sua evolução fez parte então do periodo de desorganização ou critico,

O mesmo phenomeno para o Imperio Romano que foi organico nas primeiras phases de sua evolução, entrando no periodo de critica nos fins de sua existencia.

A primeira parte do regimen democratico, depois da Revolução Franceza, foi toda organica, tornando-se critica, nos ultimos periodos do seculo XIX, phase esta que se accentuou com rapidez incrível.

Segundo Hegel, toda realização é o resultado de um processo ternario: uma these, uma antithese e uma synthese.

Applicando-se ao mundo social aceita-se, como these, a existencia de um phenomeno determinado, de uma organização ou de um regimen, a antithese seria formada, pelas idéas

contrarias, tudo finalmente que pudesse oppor resistencia ao grupo e á synthese appareceria então, como um resultado mixto, isto é, como uma consequencia que viesse do conflicto de affirmações e negações anteriores,

A synthese formada será uma nova these para o futuro que passa successivamente pelos mesmos processos anteriores.

Applicando-se a theoria de Hegel ao exemplo da Idade Media, ha pouco citado, verifica-se que a existencia da sociedade, o typo de organização social seria aceito, como these, a antihese seria constituida pela serie immensa das idéas, dos factores que se oppunham aquella organização, para destruil-a e a synthese foi a sociedade capitalista que appareceu como uma consequencia da lucta formidavel dos dois processos anteriores.

Mas, o que se observa sempre, na segunda parte do processo de Hegel, é um certo recuo, quando não seja da civilização, pelo menos das idéas, do regimen ou da orientação seguida no momento.

As theorias de Saint Simont e Hegel não são inteiramente falsas, possuem alguma cousa de verdade, sendo que Hegel, neste assumpto, pode divizar mais longe.

Mas si tem ainda observado que os phenomenos scientificos não seguem esta orientação, no seu desenvolvimento, sendo possivel dar-lhe uma direcção rectilinea, porquanto a sciencia progride, por meio de aquisições directas de novos conhecimentos.

Pode-se ainda dar a mesma representação rectilinea ao desenvolvimento da industria, porquanto o progresso deste ramo da actividade

humana é uma consequencia directa do desenvolvimento scientifico.

Pelo menos assim acontece, no ponto de vista geral, porque, particularizando-se a questão, vão ser encontrados paizes em que a industria retrogada, ás vezes devido a causas politicas, moraes ou economicas, enquanto os processos scientificos alcançam rapidamente um desenvolvimento intensivo, em todo o orbe terrestre

Estas considerações levam alguns escriptores a representarem a evolução social, por meio de uma espiral.

Americo Namias vae um pouco mais longe e affirma, baseado em considerações diversas, que se fosse dar uma representação graphica «á marcha seguida pela civilização, não traçaria uma linha recta nem mesmo um circulo ou espiral, mas uma linha extremamente irregular em zig-zag.»

\* \*  
\*

Eu posso admittir a opinião de Namias, comtanto que a linha irregular que idealizou apresenta, no seu conjuncto, uma orientação geral que a prenda á direcção da espiral humana, larga immensa e indefinida.

Sighele julga que as revoluções são formas dynamicas e violentas do progresso.

Ainda sobre o motivo, a causa determinante da evolução, as opiniões se subdividem.

Encarando-se os factores que actuam, na evolução humana e, consequentemente nas sociedades, sejam de modo directo ou indirecto,